

R. das Flores 130-1ª andar

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL
REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

Colonias..... Abel Andrade
 A religiosidade..... Abundio da Silva
 Reparos criticos..... Padre Arthur Brandão
 Ninharias..... José d'Azevedo e Menezes
 As martyres de Minsk... Padre José Victorino Pinto de Carvalho
 O catholicismo na Europa e na America Padre Hermano Amandio
 Unde Salus?..... Albano Bellino
 O Collegio (poesia)..... D. F.
 Religião e Patria..... A. Dias Costa
 Incerteza..... D. Antonio d'Almeida
 Notas bibliographicas..... Bruno d'Almeida
 Gazetilha (na 4.ª pagina da capa)..... Um collegial

COLLABORADORES DA «CRENÇA & LETRAS»

Abel Andrade, Abundio da Silva, Albano Bellino, D. Antonio d'Almeida, padre Antonio Hermano, padre Arthur Brandão, A. Moreira Bello, dr. Braulio Caldas, padre Henrique Gomes, padre Hermano Amandio, padre Joaquim José Soares, padre Joaquim Machado, José d'Azevedo e Menezes, J. Dias Costa, J. d'Oliveira, conego José Maria Gomes, padre J. J. Silva Guimarães, José Victorino Pinto de Carvalho (Reitor de Mancellos), Lourenço de Mattos (Prior de Collos), dr. Manoel d'Albuquerque, Mattos Ferreira (Prior de Cintra), dr. Martins Sarmiento, conego dr. Pedro Sanches, dr. Pereira Caldas, Pereira da Costa, Rangel de Quadros.

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura:—Como duplicamos o numero de paginas fixamos o preço em 1,800 réis. A empreza entendeu que d'este modo servia os interesses dos assignantes, porque esta publicação, segundo as indicações do 1.º numero custaria 1,820 réis com as mesmas paginas que está tendo; pois seria quinzenal. Houve diminuição de preço portanto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

—**Collaboração**—Por falta d'espaco vimo-nos obrigados a retirar varios artigos. Que os nossos presados collaboradores nos relevem a involuntaria demora.

CRENÇA & LETRAS

A QUESTÃO COLONIAL

O estudo d'este momentoso problema é sempre extremamente importante para nós, portuguezes, possuidores de extensos dominios coloniaes na Asia e na Africa. Da conservação d'esses territorios depende o peso de Portugal na balança da Europa e mesmo a sua conservação como nação autonoma, ou a sua absorpção pela vizinha Hespanha (1). Mas, no momento presente razões poderosissimas determinam uma solução prudentemente deduzida e solidamente fundamentada, em que se encontre resolvido o futuro da nossa vida colonial.

O ultimatum de 11 de janeiro de 1890, entregue pelo snr. Petre, ao ministro Barros Gomes, onde Sua Magestade Britannica obriga Portugal a mandar retirar as suas forças da Machona e d'além do Ruu; (2)—o tratado de 20 d'agosto de 1890, assignado pelos plenipotenciarios Barjona de Freitas e Salisbury, (3) em que se faziam importantes concessões á Inglaterra,—o *modus vivendi* de 11 de janeiro de 1891;— todos estes acontecimentos conseguiram voltar a attenção dos portuguezes para a Africa, e tornaram sympathica a questão colonial.

Muito de passagem e sem nos desviarmos da mira, que visamos, não deixaremos de observar, que devemos procurar

(1) *Almeida Garrett*.—Portugal na balança da Europa—pag. 85 ss. (Secção VI, § III.)—

(2) Negocios externos—Documentos apresentados ás côrtes na sessão legislativa de 1890, pelo Ministro e Secretário d'Estado dos Negocios Estrangeiros.—Negoc. da Africa Or. e Oœ.—pag. 198, docum. n.º 197.

(3) Publicação cit.—Negociações do trat. com a Inglat.—pag. 203, docum. n.º 303.

um meio de satisfazer ás nossas necessidades coloniaes, dentro do ambito das nossas forças, sem recorrermos ao auxilio de nenhuma potencia estrangeira e muito principalmente da Inglaterra, com que nos congraçamos desde o reinado de D. Diniz, no tempo de Eduardo I.

O tractado celebrado com a Inglaterra em 1642, a convenção de Westminster de 10 de julho de 1654, os tractados de 1661, 1703, (Methuen), 1810 e 1842, demonstram bem as intenções sinistras da nossa *fidel alliada*. (1)

Assim o tem comprehendido, ultimamente, uma parte da opinião publica, que perfeitamente convencida da improficuidade da alliança ingleza, ou de qualquer outra alliança para a sustentação do nosso dominio colonial, começa a considerar as missões religiosas, como o unico meio de restaurar as nossas glorias d'alem mar.

*
* *

Para bem nos desempenharmos no estudo do capital problema da actualidade, vamos seguir um processo completamente novo. Não nos anima n'este nosso procedimento a jaectancia d'uma peremptoria solução do problema proposto; tendo de colher elementos para possuirmos um fundo sobre o qual architectassemos este trabalho, tivemos, por vezes, e quasi sempre, uma desillusão suprema, ao terminar a leitura d'algumas paginas. Muitos autores, de um nome respeitavel, escrevendo sobre o assumpto, julgam ter demonstrado a necessidade das missões, e implicitamente censurado o governo que feriu mortalmente as ordens religiosas. Verdadeiros alfobres d'estes heroes da civilisação, descrevendo em periodos bonitos e bem burilados e pintando ao vivo, as caravelas en-

(1) *José d'Arriaga* — A Inglaterra, Portugal e suas colonias; *Almeida Garrett* — obr. e log. cit.; deputado doutor *João Arrago*. Discursos Parlamentares, proferidos na Sessão legislativa de 1885 pag. 261. ss. — Discurso sobre o projecto de lei, approvando a acta geral da Conferencia de Berlim e a convenção celebrada entre o governo Portuguez e a Associação Internacional do Congo, proferido na Sessão de 8 de Junho de 1885).

funadas, cortando as regiões ignotas de Neptuno. Outros miram ao mesmo fito, fallando-nos dos sacrificios e devoções heroicas do missionario, só, longe da patria, entre selvagens, exposto constantemente ao insulto mortal do negro, á febre natural do clima e á morte pela carencia de alimentos. Ainda alguns lembram-se do simples expediente de citar autoridades, que ás vezes, nada mais possuem, que legitime a sua apresentação, alem d'um nome desconhecido, de naturalidade estranha.

Isto não póde continuar assim.

Do que havemos dito não queiramos deduzir que os nossos exploradores antigos e modernos, viajantes e homens de letras, descuraram absolutamente o conhecimento da Africa e a consagração escripta dos rapidos commettimentos, que, dia a dia, afamavam o nome portuguez; embora não fossem demasiado cuidadosos, como sensura Xavier Botelho, devemos, entretanto, ir buscar ás grandes difficuldades de bem conhecer a Africa, a genése d'esta deficiencia, que lamentamos. Procedendo assim, seguimos a orientação, rasoavelmente indicada pelo Cardeal Saraiva, por Dinomé (2), Pinkerton e pelo Conde de Porto Sancto (3) e muitos outros.

Em geral todos os indigenas Africanos, são caracterizados pelo orgulho, perfidia e barbaridade, de que fallam todos os exploradores; Mungo-Parek, para não se arriscar imprudentemente a um transe fatal, teve de renunciar ao ardente desejo de visitar a mysteriosa cidade de Tambuetá; em 1826 o major Laing, protegido pelo Pachá de Tripoli, chegou a penetrar até Tambuetá, mas viu-se obrigado a sahir immediatamente para não ser assassinado pelos Fellans, horda bellicosa que domina no interior da Africa; pelo mesmo motivo foi assassinado de modo identico o capitão Olapporton.

Em summa, Mr. Jommard demonstrou que, desde 1588,

(1) *Obr. cit.* pag. 146.

(2) *Coup d'oeil rapide sur les informations obtenues au sujet de l'intérieur de l'Afrique septentrionale—Nouvelles annales des Voyages—1885.*—Tom. 1. pag. 257.

(3) *Memoria manuscripta pelo Sur. Conde de Porto Sancto.*

dous viajantes tentaram reconhecer os paizes da Africa interior e reflecte que só um pequeno numero d'elles deixou de succumbir, no meio da sua carreira, sendo victimas da empresa, a que se haviam abalançado (1).

Demais, a vasta extensão dos desertos de areia e a altura das cadeias de montanhas, impedindo ou difficultando muito as communicações, as guerras e escaramuças diarias das tribus indigenas,— a ausencia de vehiculos aquaticos, facilitando os meios de transporte para o interior e muitas outras circumstancias, tornam impossivel, quasi, ou pelo menos mui difficil, a permanencia e mesmo o advento do europeu a essas regiões.

Se a todas estas considerações addicionarmos a intolerancia do mahometismo, campeando infrene, em muitas tribus, a natural repugnancia do indigena á vida dos europeus, a insalubridade do solo e mil outros obstaculos, facilmente nos convenceremos de que, só á custa de bastantes esforços, — não tantos quantos se poderiam ter empregado —, é que conseguiremos possuir as diminutas informações que se encontram dispersas pelos livros a que nos referimos no decorrer d'este estudo.

Não ha, pois, que admirar, na extraordinaria carencia de documentos relativos a negocios e assumptos d' Africa: lamentamos o facto e tentaremos supprir com reflexões rasoaveis os testemunhos fidedignos, quando os não encontrarmos.

Para bem resolvermos a questão presente e darmos uma solução peremptoria, necessitavamos de conhecer perfeitamente o territorio Africano, o que é impossivel, no momento presente e talvez ainda durante muitos annos; ha uma extraordinaria falta de documentos, para conhecermos as noticias averiguadas dos territorios do interior da Africa.

E é para lamentar que um acontecimento d'esta ordem se dê com os Portuguezes; melhor de que ninguem podiamos e deviamos possuir noticias circumstanciadas d'essas terras

(1) *Remarques et recherches géographiques sur la royaje de Mr. Caillié.*

que ficam além de mares «nunca d'antes navegados», mas aos antigos navegadores e viajantes e escriptores mereceram pouco cuidado e desvelo os assumptos, de que a sciencia na sua multiplice applicação tiraria proveito e gloria. Nem é possível confortar-nos a esperança de encontrarmos em documentos extranhos, o que nos fallece nas lettras patrias, porque os viajantes das nações extranhas pouco teem conseguido adiantar de modo menos incerto ou mais avantajado. (1)

Tambem não concebemos a possibilidade de existirem documentos por nós ignorados, que desmintam a nossa asserção; pensamos como o cardeal Saraiva, como Sebastião Xavier Botelho e tantos outros que se teem dedicado a assumptos d'esta ordem.

O cardeal Saraiva (Fr. Francisco de S. Luiz), (2) claramente patenteia a extraordinaria carencia de documentos relativos ás questões africanistas; (3) do mesmo modo procede Sebastião Xavier Botelho, quando diz que aos Portuguezes cumpria tractar miudamente de todas estas coisas, que elles mesmos descobriram, ganharam e possuiram.

E quem de mais perto as viu e apalpou? quem mais largamente podia e devia escrevel-as e explical-as?

Mas foi grave o descuido e grande a falta em que a este respeito cahimos. E que muito, se dados exclusivamente ás

(1) *D. José Lacerda* — Exame das viagens do Dr. Livingstone — 1867 — Lisboa —, pag. VI.

(2) Obras completas do *Cardeal Saraiva* — 1875, — Lisboa, tomo V — Memoria sobre as viagens dos Portuguezes á India, por terra e por mar e ao interior da Africa, desde os principios do sec. XVI (pag. 221- 253).

(3) Depois de ter apresentado algumas considerações relativas aos descobrimentos dos portuguezes, continúa: «Dirá por ventura alguém que todas estas noticias são de pouco valor e interesse, porque, enfim, ainda se não conseguiram grandes adiantamentos na Geographia da Africa, nem no conhecimento dos povos que a habitam, nem nos outros muitos objectos que deveriam concorrer para a civilisação de tantas nações barbaras e de um tão extenso continente. Nós o confessamos com magua; mas perguntamos ao mesmo tempo aos sabios estrangeiros, que nos lançam em rosto a nossa ignorancia e incapacidade do seculo XV, se elles, que desde o fim do seculo XVI, começaram a apossar-se das nossas conquistas e a despojar-nos do fructo do nosso trabalho, teem sido mais felizes e teem adiantado muito mais que nós, no conhecimento da Africa interior.» *Auct. c. abr. cit.* — tom. V, pag. 245.

gentilezas d'armas, os capitães só tractavam de praticar façanhas e os historiadores de escrevel-as e enfeitel-as? (1)

Descobrimos a costa das duas Africas e já se lamentava Botelho de não possuímos uma carta geographica de cada capitania; simplesmente o governador Pedro de Saldanha, que governou Moçambique em tempos, que as coisas da Africa mereceram alguma attenção a Portugal, mandou levantar uma carta, que foi vista e examinada por Xavier Botelho. Este illustre par do reino, confrontando essa carta com as informações dos que tinham vivido nas paragens de Moçambique, encontrou innumeradas inexactidões nas latitudes; nem isso deve causar admiração, attentos os meios imperfeitissimos, de que dispunha um unico piloto, encarregado de proceder a esse trabalho. (2)

Ainda assim: *apparent vari nantes in gurgite vasto*: mas esses mesmos são muito incorrectos, deficientes e sempre inexactos, como observam os criticos e se deduz da simples leitura; o roteiro maritimo de Pimentel, melhor apreciado pelos criticos estrangeiros, do que par nós, é sempre mui enganoso, em despegando de descrever as costas maritimas, o que faz tão primorosamente, que o mesmo é lê-lo, que ver e passear pelos sitios, que descreve tão fielmente como a natureza creára (3); João de Barros e Diogo Couto, são deficientes

(1) *Sebastião Xavier Botelho*—Memoria Estatistica sobre os domínios portuguezes na Africa Oriental.— 1835—Lisboa—pag. 7.

(2) Aue. e obr. cit. pag. 7: depois de alludir a este triste documento do nosso descuido e incuria, demonstra minudamente as suas incorrecções.

Esta memoria estatistica de Botelho e a sua segunda parte foram acerbamente criticadas pela *Revista de Edimburgo*.—Alexandre Herculano, alludindo a essa critica escreveu: «Na verdade não foi grande o abalo que isto nos causou: ha annos que esta revista vai perdendo aquella authoridade e peso, de que em materias litterarias gosava e para não accumularmos provas d'isso, só diremos que em 1815, davam os revedores de Edimburgo os versos de Lamartine como argumento da decadencia e nenhuma valia da litteratura franceza. Nervosamente redarguiu o snr. Botelho os argumentos: com auctoridades inglezas provou a inglezes o seu dicto e com a modestia e animo apaixonado, que em todas as questões é dote de quem tem razão, menoscabou insultos para responder a coisas.—(Panorama—Vol. II. pag. 6).

(3) *Ibidem*—pag. 8.

tes e por vezes acreditam em coisas bem mal averiguadas; Faria e Sousa é mais novelleiro que historiador, como Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, D. Jeronymo Osorio, João de Lucena, Fernão Mendes Pinto, Antonio Tenreiro, Jacintho Freire etc. etc.

E' certo que alguma luz se tem feito sobre estes assumptos, desde as travessias africanas, iniciadas no seculo XIX; entre essas, (1) convém especificar as de Silva Porto, Livingstone, Serpa Pinto, Capello e Ivens; na obra de Serpa Pinto «*Como eu atravessei a Africa*»—(2 vols.) e na de Capello e Ivens «*De Benguella ás terras de Saeca*» (2 vols.) e nas numerosas e assaz veridicas informações do capitão Trivier, que a imprensa franceza ainda annuncia, no momento presente, muitos esclarecimentos se encontram, embora permaneçam sempre lacunas immensas.

Ainda não deveremos passar adiante sem elogiar a benemerita Sociedade de Geographia, creada em 1875. Cuidadosa como nenhuma sua congénere, devotada d'alma e coração aos nossos interesses coloniaes, restaura dia a dia os monumentos das nossas glorias ultramarinas, perdidos pelas bibliothecas nacionaes e estrangeiras. Muito tem concorrido para o aliantamento dos conhecimentos Africanos.

(1) As travessias conhecidas foram feitas por:

Honorato da Costa (1802—1811) Angola—Tete.
 Francisco José Coimbra (1838—1848) Moçambique—Benguella.
 Silva Pinto (1853—1856) Benguella—foz do Rovuma.
 Livingstone (1854—1856) Loanda—Quilimane.
 Gerard Rohlfs (1855—1866) Tripoli—Guiné.
 Cameron (1873—1875) Bagamoyo—Benguella.
 Stanley (1874—1877) Bagamoyo—Rovuma.
 Serpa Pinto (1877—1879) Benguella—Porto Natal.
 Maltenci e Mazari (1880—1882) Soakin—foz do Niger.
 Wissman (1871—1882) Loanda—Zaodoni.
 Arual (1882—1884) Porto Natal—Benguella.
 Capello e Ivens (1884—1885) Mossamedes Quilimane.
 Geerup (1885—1886) Stanley - Falls - Bagamoyo.
 Oskar Lenz (1885—1887) Congo—Quilimane.
 H Stanley (1887—1889) Congo—Dagamoyo.
 Trivier 1888—1889) Loango—Quilimane.

*Annales Apostoliques de la Congregation de Saint Esprit et du Saint
 Coeur de Marie.*

Ao prescrtarmos as causas de tal descuido e de tão pernicioso procedimento, encontramos-as na ignorancia dos antigos monumentos litterarios de Portugal. E' indiscutivel que em Portugal, ainda mesmo, os nossos homens de sciencia, sabem muito pouco das nossas passadas glorias e o que sabem aprenderam-o em livros e monographias estrangeiras, cujos auctores consultaram os monumentos dos nossos classicos. Despresamos o ouro finissimo que possuimos, para nos enthusiasmarmos até ao delirio, deante de qualquer ourapel, que importamos da França, Inglaterra ou Allemanha.

Fallamos assim, pois que, por experiencia, conhecemos o assumpto de que fallamos.

E' necessario convencer a nossa sociedade actual, da necessidade imprescindivel das missões, para a sustentação do nosso dominio colonial; é necessario causticar bem o procedimento, dos que só julgaram possivel erguer a estatua da liberdade, sobre os escombros das ordens religiosas (1); é necessario producir a desillusão dos cerebros pequeninos, demonstrando a insensatez de quem deixa de pôr em practica uma ideia que julga optima, simplesmente porque uns mal entendidos preconceitos o inibem de ser livre e sincero, obrigando-o a envolver-se na abjecta capa da hypoecrisia; é necessario dizer bem alto ao Snr. Pinheiro Chagas, Julio Villena, João Arroyo, Antonio Ennes e a todos os ministros da marinha, que os Estados-Unidos da America, são o paiz da liberdade e possuem muitos conventos e na Austria ha actualmente 1190 frades beneditinos.

E' notavel, que todos os nossos homens publicos—*particularmente*—opinam pela necessidade das missões, mas quando se encontram á frente dos negocios politicos nada ou quasi nada fazem; tem medo da opinião publica!

Necessitamos, pois, de educar a grande massa e a fina *élite*: é necessario convencer Portugal da necessidade das ordens religiosas, para o fornecimento de missões, que vão con-

(1) Referimo-nos ás ordens religiosas no ultramar.

servar no ultramar o nome portuguez e a influencia da metropole.

Por outro lado não é menos certo que o nosso estado mental é predominantemente experimentalista; não é com discursos unicamente rethoricos, nem com a opinião, ainda mesmo de verdadeiras notabilidades, que se obtem a sincera convicção. Para alguém se persuadir de qualquer doutrina é necessario ver as suas vantagens praticas; na hypothese contraria poderá certamente admirar a lucidez intellectual de quem falla, ou o colorido vibrante de quem esereve, mas nunca ficará persuadido.

Conhecendo esta feição, bem caracteristica do nosso meio, tentaremos demonstrar, atravez da evolução historica de cada uma das nossas possessões africanas, a influencia inicial, constante, intima e decisiva do nosso missionario; não nos limitaremos a affirmar que o missionario é um martyr, apresentaremos a historia d'um jesuita, que bem se póde denominar a synthese do patriotismo, da virtude, do heroismo, o typo do verdadeiro diplomata, um habilissimo commandante d'uma campanha bellica; não nos contentaremos com referir os factos principaes da sua vida illustre, descreveremos, embora a traços muito geraes, o meio em que se evolucionou, para bem sé apreciar, quanto lhe deve a nossa vida colonial.

E para que se não diga que Balthasar Barreira não passava de uma nota perdida, no meio d'um concerto ordinario de agentes, que se limitavam ao cumprimento do seu dever, alargamos o campo das nossas observações e em todas as epochas da existencia dos missionarios, encontramos heroes e martyres pela civilisação da Africa.

Como Balthasar Barreira possuímos o proto-martyr de Menomotapa, Gonçalo da Silveira, Balthasar Affonso, Eduardo Vaz, etc.

Entretanto, para melhor dirigir todas as nossas considerações ao fim proposto, vingamos a superioridade dos missionarios regulares sobre os seculares; d'este modo são perfeitamente substituiveis estas duas theses: os missionarios concorrem para o desenvolvimento do nosso dominio colo-

nial,—ou: as ordens religiosas concorrem eficazmente para o desenvolvimento do nosso dominio no ultramar;—mesmo porque nas nossas observações limitaremos a apreciar analyticamente a missão regular; se uma ou outra vez, por incidente, alludirmos ao missionario secular é mais para o censurar, do que para o elogiar (1).

ABEL ANDRADE.

A RELIGIOSIDADE

Ao meu caro amigo o Ill.^{mo} Rev.^{mo} Snr.
Padre Manoel Martins Capella.

I

Origem do sentimento religioso

§ I

Theorias propostas para a resolução d'este problema.—Os systemas naturalistas, sua critica.—O erhe-merismo.—O epicureismo.—A applicação de Darwin. O cão religioso. Refutação de Lecomte.—O selvagem.—A crença nos espiritos.

Os dous dogmas fundamentaes sobre que assenta o sentimento religioso são a crença em uma dividade, a que devemos render um culto, e em uma vida futura. Como despertou no homem esta idéa de um Deus, e esta crença em uma outra vida? E' o assumpto de este capitulo.

*
* *

Os systemas propostos para resolver esta questão podem reduzir-se a dous grupos:—systemas naturalistas e sys-

(1) As nossas censuras não comprehendem missionarios seculares extremamente devotados; tumbem os tem havido; a historia da vida colonial contemporanea muito lhes deve.

temas supernaturalistas. Os primeiros tentam explicar a origem da religião pelos simples dados da natureza; os segundos elevam-se a mais alto, indo além da natureza.

*
* * *

Os principaes systemas naturalistas são o *erchemismo*, o *epicurismo*, e o *henotteismo*. Ao epicurismo podem-se reduzir as explicações *darrinista*, *positivista* e *animista*.

*
* * *

Critiquemos a largos traços um systema naturalista em geral.

Querem todos os naturalistas que o primitivo estado da humanidade fosse o selvagem, e veem porisso no selvagem o typo mais approximado do homem primitivo. Para a resolução d'este problema apresentam as crenças do homem n'este estado, como as que mais se approximam dos seus primordios.

O selvagem adora a natureza; mas esta adoração de fórma nenhuma pôde provir da contemplação da mesma natureza. Não adora o sol pelos simples facto de um dos seus chefes ter vindo do oriente; é porque descortina além, mais alguma cousa. O simples facto da adoração é a affirmação de que o selvagem concede á natureza um poder muito superior, extraordinario, maravilhoso. Quando o selvagem rende culto a um objecto relativamente insignificante, é mui difficil explicar como tirar d'elle a ideia do divino, se não lhe concedesse faculdades extraordinarias, porque quanto mais simples for o objecto adorado mais difficil se torna d'ahi tirar a idéa de um Deus.

Os systemas naturalistas peccam pela base, porque a simples adoração da natureza é a negação tacita do systema.

A morte não nos pôde fazer nascer a crença na immortalidade. Nunca a razão alcançou mais bello triumpho. Onde a sensação diz: *morte e destruição*, a alma diz: *vida e ressurreição*.

Da crença na vida futura fazem muitos naturalistas provir a crença na divindade. Futel de Coulanges diz que é a veneração pelos antepassados que na região das sombras olham pela sua descendencia, a origem da religião. Para divinizar a paternidade era necessario que em nós já existisse o sentimento do divino. Humanisar o divino no lar domestico e transportal-o da familia para a natureza é uma explicação que nada explica. E se a procurarmos em cada um dos *systemas* naturalistas em particular mais se corrobora o que dissemos d'estes *systemas* em geral.

*
**

No *evemerismo* é desnecessario insistirmos, porque é evidentemente falso. Affirmar que a religiosidade é uma tradição historica deformada, a apothese pelo enthusiasmo dos grandes guerreiros e civilisadores da historia primitiva, é affirmar uma contradicção com os mais elementares principios da religião.

Não menos estulto é dizer que a religião é uma invenção dos legisladores. Porventura Zoroastro fez uma religião para homens destituídos d'ella? Os chinezes seriam atheus antes de Budha promulgar a sua religião? Antes de Numa Pompilio enganar os Romanos com as suas pseudo visões, não tinham estes, templos, sacerdotes, sacrificios? Não era o Arabe religioso quando Mahomet os subjugou pelo seu despotismo? Não se nos mostra um povo que fosse atheu até que um legislador, um dos seus chefes, sahido do seio do mesmo povo, lhe prescrevesse crenças religiosas.

Não se diga tambem que a religião existe porque os sacerdotes a inventaram; é um contrasenso. Para que existiam os sacerdotes se não havia religião?

*
**

Fallemos agora das explicações epicureistas.

O lemma do *systema* epicurista é o conhecido verso do cantor do Materialismo, Lucrecio: *Primos in orbe deos*

fecit timor. O temor, segundo esta theoria, é a causa da religião, muito especialmente o temor dos factos insolitos da natureza.

Os epicuristas não são capazes de apresentar provas da sua doutrina que possam arrostar com os ventos da critica. Um ignorante pôde amedrontar-se perante um facto extraordinario da natureza, mas d'ahi á origem do sentimento religioso vae muito.

No meio de um horrendo cataclysmo, levados por um sentimento de dependencia, apellamos para um ente superior, pedindo o seu soccorro; mas isto não é causar a religiosidade; é a prova de que já existia. Se a religião fosse o resultado do temor, o homem esforçar-se-hia por se ver livre d'ella como de todos os receios; mas faz exactamente o contrario, procurando conserval-a, instituindo ritos e cerimoniaes, escolhendo sacerdotes, erigindo templos.

*
* *

A explicação darvinista acerca da origem da religião pôde legitimamente incorporar-se na theoria epicurista.

Darwin não cõra ao afirmar que o cão (pelo menos o seu) tem sentimentos religiosos. Conta que certo dia o seu cão começou a ladrar por ver ondular o seu guardasol, levemente sacudido pela brisa. A conclusão que o celebre naturalista tirou d'este facto é curiosissima e porisso não nos furtamos a transcrever as suas proprias palavras:

He must, I think, have reasoned to himself in a rapid and unconscious manner, that movement without any apparent cause, indicated the presence of some strange living agent, and no strange had a right to be on his territory.

«Deve, eu penso, (diz Darwin) dizer a si mesmo por um raciocinio rapido e inconsciente, que um movimento sem nenhuma causa apparente, indica a presença de *qualquer agente vivo desconhecido*, e que nenhum estrangeiro tinha direito de estar no seu territorio.

Fertil imaginação!

É evidente que esta explicação é meramente gratuita; nenhum facto a suppõe. Darwin assim o quer, porque assim o pensou e assim ha-de ser. A esta phantasia opponhamos a refutação do sabio Lecomte:

Conceber a relação entre o vento, agente physico e o movimento do guardasol, effeito egualmente physico, é com certeza uma percepção das mais elementares, que de nenhuma fórma excede as facultades do bruto, pois que requer sómente a comparação de duas sensações. Todavia, ainda que desde o seu nascimento o cão de Darwin tivesse sem duvida visto centenas de vezes objectos agitados pelo vento, não tinha ainda a intelligencia bastante desenvolvida para fazer como no caso presente a applicação d'estes dados da experiencia: eis porque se inquieta e uiva.

Em compensação, a este animal tão pouco experimentado no que diz respeito aos phenomenos physicos e puramente sensiveis, concede Darwin o exercicio de altas facultades no mundo intelligivel e supra-sensivel.

Com effeito: 1.º este cão sabe que *não ha effeito sem causa*, e que por consequencia todo o movimento suppõe um motor.

«2.º No caso mencionado, e não adivinhando a acção da brisa, conclue, na ausencia de toda a causa physica apparente, que o movimento do guardasol deve ser produzido por um ser vivo invisivel, isto é, por um espirito.

3.º Além d'isto não só o cão de Darwin tem uma idéa muito clara da propriedade em geral, mas faz logo a applicação d'este principio á relva sobre que se acha e que é *seu territorio*.

4.º Em virtude dos direitos immanentes á propriedade, conclue que um *estrangeiro*, não *tem direito* de estar no *seu territorio* e para o expulsar começa a ladrar.

Em resumo, apesar da extrema limitação das facultades psychicas d'esta berta, que até na ordem dos phenomenos puramente sensiveis não pôde perceber o laço que existe entre o vento e os seus effeitos, vê-se que Darwin faz d'elle

uma especie de philosopho. Porque ao animal, raciocinando assim, embora de um modo *rapido e inconsciente*, sobre o principio de *causalidade*, a idéa de *propriedade*, os *direitos* que d'ella resultam, e as *consequencias practicas* a que conduzem, é claro que não ha nenhum motivo para lhe recusar o conjuncto das verdades primeiras sobre que assenta toda a razão humana.

Não nos admiremos. Não foi só Darwin quem apresentou estas excentricidades. Vogt diz que o cão tem medo do *sobrenatural* e dos *duendes*, e que tem o *germen das idéas religiosas particularmente desenvolvido*. Braubach atreve-se a dizer que o cão considera o seu senhor como um Deus!

Não nos demoraremos mais sobre este ponto ao qual demos um desenvolvimento maior do que o necessario. Esperemos, como muito espirituosamente, diz Pressensé, que este mystico animal funde uma religião para os seus collegas, para ter as honras da discussão. Nós pela nossa parte, muito desejavamos saber quem seriam os deuses d'esta religião canina: iamos mesmo affirmar que ainda Darwin e collegas seriam collocados nos altares d'estes *nobres* adoradores!

*
* *

Darwin, deixando-se de devaneios, dá uma explicação que muito se approxima das theorias naturalistas, principalmente da positivista.

O brilhante luminar da *sciencia moderna* ensinou, como todos sabem que o homem nada mais é que um animal lento e regularmente aperfeiçoado: portanto o primitivo estado da humanidade era selvagem. E' evidente que n'este estado as idéas deviam ser muito baixas e rasteiras, e a religião não podia ser formada por um conceito elevado, começando apenas a rebentar quando as faculdades intellectuaes entraram a desenvolver-se. *As soon the important faculties of the imagination, wonder, and curiosity, together with some power of reasoning, had become partially developed, man could naturally have craved to understand what was passing*

ound him and have vaguely speculated on his own existence.

Para Darwin os primórdios das crenças religiosas foram a crença em agentes vivos e invisíveis, resultante talvez de sonhos mal interpretados. Assim o selvagem sonhando julga ver diante de si seres vindos de longe, ou antes crê que a sua alma vae viajando e volta depois com a lembrança do que viu.

When a savage dreams, the figures which appear before him are believed to have come from a distance and to stand over him; or the soul of the dreams goes on on its travels, and comes home with remembrance of what it has seen.

A existencia do sentimento religioso não é pois mais que o fructo de uma allucinação; o que equivale a dizer:—a theoria de Darwin é um absurdo porque fundamenta um sentimento tão universal em um estado pathologico do espirito, como é a allucinação.

A esta doutrina assemelha-se a theoria positivista de Herbert Spencer de que nos vamos occupar.

(Continúa.)

Coimbra, 10 2 -92.

ABUNDIO DA SILVA.

REPAROS CRITICOS

Os espiritos da epocha. Jornalismo impio
e retratos historicos.

Todos os que leem e estudam são forçados a conhecer da lucta entre o bem e o mal, entre a virtude e o vicio, entre os bons e os maus, entre os defensores e os adversos á familia, á Egreja e ao Estado christão.

A familia que nos apparece desde o primeiro dia com sua constituição e forma invariavel; o Estado que é a reunião d'um grande numero de familias sob a auctoridade d'um poder central; e a Egreja que é a reunião de todas as fami-

lias christãs sob a auctoridade do Summo pontifice e pastores legitimos; tudo isto lueta com o trabalho dos seres diabolicos que tentam a sua ruina.

Ha seitas que levantam contra esta trindade mãos execrandas, tomando medidas no sentido de acabar com a vida e espirito da familia, de perturbar a marcha regular dos poderes publicos e de investir contra as prerogativas da Egreja.

Esta guerra que começou nas trevas, já sac á luz do dia, como que avisando estas entidades que se acautellem do fogo da metralha.

E ella ahí campeia infrene em reuniões, em clubs, em comicios e na imprensa impia.

São innumer os factos que a denunciam e variados os exemplos que a confirmam.

A educação actual com todas as suas tendencias para censurar tudo quanto vem da Egreja e lhe diz respeito, quanto prende com o clero e com a religião, faz com que se sinta um mal estar social, moral e religioso.

A família que recebeu do auctor divino a unidade, a indissolubilidade e a santidade, soffre ataques desapiedados d'aquelles que deffendem o divorcio e a polygamia.

A Egreja ou antes Jesus Christo que elevou o matrimonio ou contracto constitutivo da familia á dignidade de Sacramento da nova lei, ao qual o Apostolo chama *Grande* em Jesus Christo e na Egreja, por significar a união entre elle e ella: *Sacramentum hoc magnum est, ego autem dico in Christo et in Ecclesia*, é victima da guerra mais cruel da parte dos que vivem das trevas e se evidenciam na imprensa impia.

O Estado que pugna pelo bem da familia, que mantem relações cordeaes com a Egreja, que adopta como official a religião catholica, apostolica, romana, tem contra si uma horda de barbaros sem fé, sem crença e sem religião.

E' mister um dique para esta corrente devastadora que tão maus serviços presta á classe proletaria; é mister que se levante uma cruzada rigorosa, afim de confundir todos

aquelles que tramam contra a ordem das cousas e contra a conservação da familia, da Egreja e do Estado; é mister que os agentes do poder executivo attentem no jornalismo irreligioso e impio que não só desvirtua as mais puras intenções, mas também propaga edeias anarchicas e revolucionarias.

Torna-se indispensavel menos tolerancia contra a propagação dos principios perniciosos dos espiritos fortes da epocha.

Nós também quizeramos que os homens de sãs ideias e boa vontade recordassem, quando não combatessem instantemente, os gravissimos males que advêm á familia e á sociedade da má semente, e que d'entre estes houvesse quem corrigisse aquelles outros que apparecem em publico com escriptos menos azados á indole do jornalismo religioso; pois que se destruir os sentimentos religiosos, patrocinar os mais desregrados costumes, demolir todo o poder legitimo, propagar o erro, fazer passar por verdadeira a mentira e a calunnia, é o alvo a que mira o jornalismo impio, especie de barbarismo mais terrivel e mais feroz do que o barbarismo do norte; a falta de começar dos ultimos importa um mal tanto maior quanto menor é o escrupulo na escolha dos assumptos e menor a caridade na lucta da palavra e da escripta.

Por outra parte sendo obvio que as crenças religiosas e a moral são um vallado que impede o desenvolvimento das miserias e maldades humanas, explica-se bem porque é que a religião, a moral, o jornalismo catholico e os individuos que protegem esta grande instituição e que propagam e defendem as verdadas religiosas, soffrem continuados ataques d'aquelles que odeiam tudo quanto é ordem para o concerto social.

Demais vendem-se para ahí, apezar da ultima lei de imprensa, romances escandalosos, livros e folhetos immoraes, cuja leitura acaba de corromper a sociedade ja de si bastante gangrenada.

E de passagem será bom dizer e repetir que o jorna-

ismo catholico deve ser escripto na escolha dos assumptos que trata e prudente e circumspecto nas suas apreciações.

Assim é que um ou outro escolhe folhetins pouco proprios de *diarios religiosos*.

Temos um em nossa frente que nos offerece uns retratos historicos bem mal azados á indole da imprensa religiosa.

Não nos surpreendeu o facto; pois que elle é um dos que pertence ao grupo de malevolos que investem contra associações catholicas e que lançam insinuações por sobre o clero.

Maria Stuart e Joanna d'Arc, são os dois personagens que elle escolheu como proto-typos da *dignidade e do espirito varonil*, como se estas duas mulheres se podessem comparar na sua vida e nos seus actos, como se a cumplice no assassinato de seu marido fosse o mesmo que aquella que se sacrificou pelo seu paiz.

D'uma leviandade pasmosa, Maria Stuart, passados tres mezes, une-se ao conde de Bothwel, um dos assassinos de seu esposo, sendo esta união abençoada por um pastor protestante; ao passo que Joanna d'Arc, crente e heroica, cobrindo a envergadura do guerreiro para se entregar aos destinos da lucta no calor da refrega, sacrifica á patria a sua propria vida.

Mal se comprehende tambem que as *sympathias* de Maria Stuart a levassem ao patibulo e que se possa fallar d'esta mulher como d'uma mulher—*modelo de dignidade e de espirito varonil*: e muito menos se deve dizer que, ao ouvir lêr a sentença, as suas palavras a *rehabilitaram* das suas faltas.

Demais não vemos no folhetim moralidade que sirva de incentivo, nem exemplos que valham lições.

Decididamente não se escripto na escolha do assumpto.

Escrever para o jornalismo catholico não é o mesmo que publicar escriptos em periodicos de indole contraria.

O primeiro requer ecclia escripto de assumpto e

circumspecção nas apreciações dos factos, enquanto que os segundos não curam de selecção de doutrina, nem dos seus effectos moracs.

PADRE ARTHUR BRANDÃO.

NINHARIAS

De Madrid á fronteira franceza

Quem já viu Lisboa não tem muito que admirar em Madrid. A nossa capital é incomparavelmente superior á cidade do *Manxanares* pela sua posição geographica, pela amenidade do seu clima e pela grandeza do Tejo e magnificencia do seu porto que a tornam uma das mais formosas cidades do mundo.

Ha, porém, duas ou tres cousas em que a *villa coronada* sobreleva a capital portugueza. O seu museu de pintura é geralmente considerado o mais rico da Europa.

Não me proponho dar larga noticia dos monumentos, que vi n'este meu passeio pelos dominios da arte. Darei apenas d'alguns objectos, que examinei com mais attenção, uma nota ligeira, ao correr da penna, da impressão que me fizeram.

Assim, entre tantos *originaes* preciosos, que enriquecem o notavel museu de Madrid, obra do rei José Bonaparte, lá figuram as telas hilariantes de *Velasques*, os famosos retratos de *Pantoja*, os typos caracteristicos de *Goya*, salvos por elle nas agonias da Hespanha antiga, a pintura religiosa de *Ribera*, e essa adoravel *Conceição* de *Murillo*, em cuja obra se juntam todos os primores da esthetica, em que transparece suavemente a luz divina, que inspirou o genial pintor na mais sublime expressão da arte.

A *armeria real* merece tambem uma visita demorada do forasteiro, que não vê em toda a Europa cousa melhor n'este genero. Installada n'uma dependencia do sumptuoso palacio real do Oriente, a *armeria* contém dous mil e quinhentos e

tantos objectos, que resumem a historia guerreira da nação visinha.

Alli se acham cuidadosamente guardadas entre muitas outras as armaduras de malha de D. Affonso V de Aragão, a do grande imperador e reis da casa d'Austria, e a de Christovam Colombo; o escudo do Sceptro das Sabinas, e o d'Alipachá, commandante dos turcos em Lepanto; as espadas de Boabdil, o ultimo rei mouro de Granada, de Pelagio, o heroe de Cavadonga, de Gonçalo de Cordova, o grande capitão do lendario Cid-Campeador, de Cortez, o conquistador do Mexico, e as de Roldão e de Bernardo del Carpio, que lembram os feitos d'armas, os lances romanescos da cavallaria do tempo de Carlos Magno.

Esta rica e variada collecção d'armas, que comprehende os mais raros e antigos *specimens* da arte, em nenhuma outra nação ficava tão bem como na Hespanha, que ainda hoje fabrica superiormente as famosas *laminas de Toledo*.

Na *armeria* e na basilica da *Atocha* vêem-se tambem muitas bandeiras, tomadas ao inimigo nas sangrentas guerras de que sahiu victorioso o exercito hespanhol.

A poucos passos da *armeria* fica o theatro real ou da opera, que póde conter dous mil espectadores. *La Zarzuela* é preferivel a este para uma noitada de riso, e de graça picante, á hespanhola.

No dia 4 de maio fomos vêr os museus de artilheria e de historia natural, o jardim botanico e a bibliotheca publica, que possui duzentos mil volumes e um medalheiro com cento e cincoenta mil exemplares.

Depois alargamos o nosso passeio até *Curamaunchel*, aonde visitamos o esplendido palacio de Salamanca, e alli nos quedamos algumas horas, descançando n'aquellas salas d'um luxo oriental, e percorrendo as ruas do magnifico parque, em que o murmurio das aguas, cahindo em taças de marmore, alegria a paisagem d'aquella residencia principesca, adornada com os mais bellos exemplares de plantas exoticas.

De volta ao hotel, passamos pela *Calle Mayor*, onde nasceu Lopo de Vega e morreu Calderon de la Barca.

O destino levou áquella rua estes dous padres, que honram a litteratura hespanhola. Ambos escreveram numerosos dramas, comedias e autos sacramentaes, á moda do seu tempo, em que começou a decadencia da Hespanha.

Lopo de Vega compoz mil e tantas comedias, trezentos contos e muitas outras obras em prosa e verso, que ficaram ineditas. Dotado d'uma grande riqueza de invenção, com que ganhou muito dinheiro, aconselhava o filho, havido na sua mocidade, agitada de paixões e revezes, que não seguisse a carreira das letras, nem se deixasse seduzir pela *gloria*, que elle comparava a um espelho, pendurado n'uma arvore ao qual os rapazes atiram pedras: *periculosus splendor*.

Calderon de la Barea não tem a originalidade, a linguaagem livre e caustica com que atacava os vicios da sua epocha o nosso Gil Vicente, cujos *contos* faziam as delicias da côrte de D. Manoel.

O dramaturgo hespanhol, valido de D. Filippe 4.º, que lhe dispensou honras e beneficios, pagava os favores recebidos, louvando esse rei que arrastava pela lama o retalhado manto de Carlos 5.º; mas vendo-se no meio d'uma sociedade dissoluta, sem exemplos vivos de virtude, Calderon de la Barea valeu-se do seu extraordinario talento, creando typos e situações dramaticas de grandes effeitos scenicos.

O seu *principe constante* é uma apothese do nosso infante D. Fernando, e uma memoria triste da lealdade portugueza.

A vida é um sonho e principalmente a *Deroção da Cruz*, que causou enthusiasmo na Allemanha, são, na opinião de alguns criticos, as obras primas do glorioso fundador do theatro mystico hespanhol.

Parece-me cousa para notar que n'esta mesma rua, a *Calle Mayor*, e nas grades do antigo convento de S. Filippe era o famoso *mentidero* de Madrid, celebrado por Lopo de Vega n'estes versos commemorativos da morte violenta, que alli padeceu o poeta, Conde de Villamediana: *Mentidero* de Madrid.

Decid-me: quien mató al Conde?

Ni se dice ni se esconde,

Sin discurso discurrid, etc.

Ora ahí está uma cousa,—dizia um dos meus companheiros de viagem,—em que Portugal é superior á Hespanha: Os *mentideros* portuguezes são muito melhores. E' vêr o do largo das côrtes, em Lisboa, com succursaes no Terreiro do Paço. Aviso aos amadores de pêtas.

JOSÉ D'AZEVEDO E MENEZES.

AS MARTYRES DE MINSK

(Episodios d'uma perseguição na Russia)

III

Dous mezes depois começaram as flagellações e os martyrios. Inteiramente nuas e reunidas, para presenciarem os tormentos umas das outras, levavam todas as semanas com agoutes: cincoenta por cada vez!

Banhadas em sangue negro e com as carnes dilaceradas pelos golpes dos algozes, eram, sem descanço algum, arrastadas logo aos trabalhos forçados!

Se alguma mais debil succumbia ao cansaço e ás dores, e cahia por terra, obrigavam-na a levantar-se á força de pancadas, que muitas vezes só feriam um cadaver!

Baptista Eownar foi queimada pelas *exernice* no fogo que estava accendendo, e Nepomucena Grotkouska, ferida na cabeça com um pau de lenha pela superiora das seismaticas, succumbiu ao terrivel ferimento!

Uma tarde Coletta Sielawa, atormentada pela fome, accitou um bocado de pão das pessoas caridosas, quando voltava dos trabalhos; presenciou o facto uma *exernice*, e, como abutre cahindo sobre meiga e deseuilada pomba, corre sobre a infeliz, despedaça-lhe as faces com bofetadas, espanca-a cru-

emente com um pau, que todas traziam pendente, a modo de sabre, arrasta-a pelos cabellos, atira bruscamente com ella sobre uns madeiros, e . . . a infeliz morreu n'essa mesma noute!

Alguns mezes havia que estas infelizes martyres estavam em Witebsk, quando o pope Michalewier foi reprehendido pelo bispo opostata Siemasrko, por não ter ainda conseguido a apostasia das basilenses.

Responde o pope, tremendo, que ellas estavam promptas a abandonar a sua crença e o esperavam para este acto solemne. Dera o pope esta resposta, para não exasperar a colera do prelado, mas mentira. Nenhuma das religiosas estava disposta a vergar o collo ao autoerata, como seu chefe espiritual: aspiravam a morrer martyres da sua crença.

Empregou então o pope, para vencel-as os mais duros tormentos. O medo tornou-o ainda mais cruel. Encerrou-as em quatro masmorras differentes; a que occupava a abbadessa com oito companheiras, era uma cova fria, sombria e humida cheia de vermes, que lhe cobriam os corpos e entravam pelos olhos, bocca e pelos narizes! Nem pão nem agua lhes deram. O seu sustento, por alguns dias, foram os restos d'esses legumes, que os vermes tinham poupado!

Todos os dias ia o pope ás prizões, levando já escripta a renuncia das religiosas á sua fé, para ellas assignarem, «Não é melhor, dizia elle á abbadessa, voltar a ser abbadessa, do que morrer aqui comida de bichos? Assignai.» A's successivas tentativas sem effeito, succediam novos tormentos applicados com mais refinada malvadez e crueldade.

IV

Enganado pela resposta do pope, chegou finalmente o bispo apostota, para assistir ao acto solemne da opostasia das religiosas.

Visitou as martyres, fallou-lhes com doçura, felicitou-as pela sua resolução, e apresentou á abbadessa um baculo ricamente ornado, uma cruz e um diploma, em que era nomeada *mãe-geral*.

«Essa cruz, que me trazes de parte do imperador, respondeu ella, suspende-a no teu peito de infame apostata, que d'ellas está já tão azeado; antigamente pregavam-se os ladrões nas cruzes: agora vejo-as eu pendentes do peito d'um ladrão.»

Esta resposta valeu á abbadessa e suas companheiras, novas e extraordinarias flagellações, que o apostata presenciou das janellas do palacio!

Alguns mezes depois, desejando o prelado preparar para o culto seismatico, a sua antiga egreja, mandou que as religiosas trabalhassem nos preparativos da solemnidade. Recusaram. Convidou-as elle mesmo. Igual resposta. Esgotadas as ameaças, recorreu á força. Fel-as levar á porta da egreja e obrigar-as a entrar por violencia. Uma multidão de assassinas cahê sobre estas desgraçadas, impelindo-as, para o interior do templo; mas ellas não se moveram. Calcadas aos pés, espancadas e esmagadas, nem assim foi possível fazel-as entrar.

Então a abbadessa, coberta de sangue, que lhe escorria da frente, diz ás suas companheiras:

Minhas filhas, submettamos nossas cabeças a este machado.

E lançando mão d'um d'estes instrumentos, que estava no chão, volta-se para o bispo e diz-lhe:

Tu foste em outro tempo o nosso pastor; sê hoje o nosso algoz. Toma este machado, destronca nossas cabeças; fal-as rojar no pavimento do templo, porque os nossos pés jámais allí entrarão.»

Este pequeno discurso mortificou o apostata, que lhe fez saltar o machado das mãos, indo ferir uma das religiosas.

Não contente com isto, esbofeteou em seguida a veneravel abbadessa, a ponto de lhe fazer saltar um dente fóra da bocca, o qual ella apanhou e apresentou ao prelado dizendo-lhe: Toma-o; conserva esta lembrança da mais bella acção da tua vida; colloca este dente no meio dos diamantes, que cobrem teu coração de pedra, elle ahí brillhará mais, que todas as joias porque vendeste a tua alma.

A' noute houve a costumada orgia no convento das *exercice*, no dia seguinte, o pope Michalervitz, ainda embriagado cahio em um chareo, de cabeça para baixo e ficou asfixiado! . . .

Teve uma morte digna da sua vida desgraçada e criminosa! . . .

V

Tinham decorrido dous annos desde que as religiosas basilienses estavam em Witebsti, soffrendo os penosos trabalhos e barbaros martyrios, que venho relatando.

Pelos fins do outono de 1840, fizeram-n'as seguir jornada, amarradas duas a duas roubando-lhes antes o seu Crucifixo, a sua consolação e derradeira esperança. Todas as tardes, depois dos duros soffrimentos que as affligiam, vi-nham estas infelizes martyres prostrar-se diante d'este emblema da redempção, a pedir-lhe coragem e constancia no meio de tantos martyrios, e perseverança na sancta resolução.

Depois de dous dias de marcha, chegaram a Polotsk, onde foram recolhidas no convento das suas irmãs basilien-ses, já occupado pelas seismaticas.

Encontraram aqui o pope Ivan Veroffrine que sempre embriagado e mais cruel que o precedente, as perseguia e flagellava a todos os instantes, com uma corda de nós.

Das vinte e cinco religiosas, que occupavam este convento, antes da perseguição, viviam ainda dez, que, como as de Witebste, supplicavam á abbadessa de Minsk, que as adoptasse por filhas, D'estas dez estavam duas doidas, pelos maus tratamentos, mas apesar do seu estado lastimoso, grossas cadeas lhes carregavam ainda os frageis e delicados corpos! . . .

Uma d'ellas, Elisabeth, morreu pouco depois da chegada das novas companheiras no infortunio, tinha os pulmões desfeitos e muitos ossos quebrados! . . .

A outra, Theresa Biessiek, viveu ainda cerca de seis

mezes; encontraram-na morta na prisão, toda ensanguentada. Succumbio ás pancadas!...

Os habitantes de Polotsk, condoídos de tanta miseria lançavam-lhe pão por cima do muro da prisão; o que sabido, pelos algozes, transferiram-nos para outra prisão, distante uma legua.

Na primavera seguinte, foram as religiosas empregadas em *nivelar um monte*, para se construir um palacio ao bispo Ssimaszko. O que mais lhes custava era quebrar as pedras, porque não tinham instrumentos, empregando as mesmas pedras!...

Era tal a fadiga, que os ossos dos braços se desconjuntavam; o pescoço e a cabeça tinham-nos cobertos de glandulas dolorosissimas, e das mãos inchadas e dilaceradas, corria o sangue que chegava a manchar-lhes os vestidos!... Tinham os ossos de tal modo offendidos, que não podiam dormir, nem ao menos deitar-se para repousar. Tão agudas eram as dôres!...

Não lhes era permittido ajudarem-se mutuamente, pelo que muitas succumbiram, durante a construcção do palacio.

Tres religiosas morreram esmagadas por cestos de cal, que eram obrigadas a guindar até um terceiro andar. O pezo era demasiado para uma só, a corda escapava-se-lhes das mãos, e o cesto, se na queda encontrava alguma desgraçada, era certa a morte. .

Morreram assim tres no estio de 1841. Mais cinco ficaram soterradas em uma cova, que andavam fazendo, para extrair terra argilosa. Os popes advertidos do perigo, que as religiosas corriam, responderam: «que a terra as engula, pouco importa. Assim aconteceu!...»

No mesmo dia foram victimas mais nove. Andavam trabalhando no terceiro andar do palacio; cinco estavam sobre o tabulado e quatro por baixo.

A abbadessa estava com aquellas, quando Rosalia Medunick, occupada em transportar cascalho, a chamou e lhe disse: O' minha mãe, eu não posso mais!

Tinha a abbadessa a faculdade de trocar o seu trabalho

por outro, com que não podesse alguma religiosa; apressou-se pois a substituir Rosalia, que foi para o logar da abbadesa.

Apenas esta deixou o seu posto, ouviu-se um fragor medonho; voltou a cabeça e viu que a parede tinha desabado, enterrando nas ruínas as nove religiosas.

Fez-lhe este desastre perder os sentidos; recuperando-os começou a orar, mas foi a sua oração interrompida pelos algozes que, entre insultos e maus tratos, a arrastaram aos trabalhos.

«Tu morrerás também, como um cão, lhe diziam os popes, por causa da tua obstinação.»

(*Continúa.*)

Reitor de Manecellos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

O Catholicismo na Europa e na America

I

O velho mundo tenta banir a religião da sociedade, como coisa inutil e só propria de espiritos fracos.

É tal o espectaculo, que se está dando na Europa, que se não fôra a Crença e a Fé, diriamos que a luz fulgurante do Christianismo estaria breve a extinguir-se, que breve ruiria esta obra monumental, que durante tantos seculos tem resistido ao embate continuo da impiedade.

Hoje não se emprega a força como meio de combate. O nosso seculo entendeu, que esse meio alem de não colher resultados proficuos, era improprio e ficava mal á civilisação hodierna. No meio de tanta sciencia, de tantas fulgurações do genio, ficavam mal as fogueiras, as torturas e as feras do circo romano.

Hoje deixam-se viver os christãos, mas combate-se o Christianismo; é a lucta pela ideia e não pela força. O pen-

samento em todas as suas manifestações; o pamphleto, o romance immoral, o jornal, a intriga, a calúnia, a associação secreta, tudo é empregado como arma de combate n'esta guerra aberta do bem com o mal. E os governos das nações que se dizem catholicas, que tem a sua bandeira arvorada no Vaticano, são os primeiros a cooperar no aniquilamento presumido da nossa religião. É a secularisação da escola; é a expulsão das ordens religiosas; é a impunidade revoltante de muitos crimes contra a religião, etc., etc. Mas porque esta guerra declarada ao Catholicismo?

Por mais que pense, não encontro uma causa racional e justa, que leve a tal desvario os homens e os governos do nosso seculo.

Decreta-se a extincção d'uma escola catholica. . .

Mas porque? Se n'essa escola se ensinasse ás tenras creancinhas a desobediencia á auctoridade ou a revolta contra os poderes constituídos, se os principios com que se pretende formar-lhes o coração fossem attentatorios da moralidade publica e individual, se ahi se não ensinasse a respeitar a todos e a todos bem fazer, então sim; então seria justo acabar com taes escolas, porque seria livrar a sociedade d'um viveiro de revolucionarios ou ladrões.

Mas mandar fechar uma escola que tem por estandar-te a cruz e por codigo de moral o Evangelho, que tomando a seu cuidado uma creancinha não só lhe desvenda o espirito com as luzes fulgentissimas da sciencia, mas tambem lhe exorna o coração com todos os principios salutaes do bem, que faz d'essas creancinhas homens honrados, que hão de ser bons cidadãos e bons paes de familia, é o requinte da má fé ou apoucado senso commum.

Decreta-se a extincção das ordens religiosas? Porque?

Por que essas associações á força de bem fazer tornaram-se odiosas; porque o convento era um templo e um deserto onde muitos se encerravam para bem longe do reboiço do mundo se elevarem alto na pratica do bem; porque o convento era a casa do pobre que ahi vinha sempre procurar o pão do corpo e a luz do espirito, e orando pelos seus

bemfeitores retirava-se com os olhos rasos de lagrimas, mas lagrimas de consolação; porque o convento era o pantheon da sciencia, mas da sciencia, que longe de fazer o homem descrente, o eleva até Deus; porque o convento era o arsenal onde se formavam esses batalhões formidaveis, que iam todos os annos levar a longinquas paragens a civilisação e a crença em Deus.

Mas, para os maiores beneficios, as maiores ingratições.

O Christianismo, pelos bons serviços que tem prestado á sociedade, tem jus a mais alguma protecção das nações da Europa, mormente d'aquellas que se dizem catholicas, não porque essa protecção lhe seja necessaria para a sua conservação, porque elle vive e viverá sempre queiram ou não queiram os corifeus da impiedade, mas para mais facilmente espalhar os seus beneficos fructos. A sociedade e os governos é que tem tudo a luerar com a protecção que dispensarem á religião. Sem ella a sociedade será um vulcão, que em breve estrugirá em convulções medonhas. Sirva de exemplo a attitude tomada pelo operariado nos grandes centros productores. Ahí o operario sem a minima instrução religiosa, sem alguém que, lhe diga, que o trabalho não é uma degradação, mas uma lei e uma virtude, vae guiado pelas nefastas doutrinas socialistas, constituir-se em greve e lançar-se na revolta. Que o diga a Russia, a França, a Inglaterra e a Hespanha ainda agora banhada em sangue com os successos do Gerez!

Clamamos pois por uma ampla liberdade religiosa para bem da sociedade, para o engrandecimento moral da Europa.

II

O Christianismo depois de civilisar a Europa, que bem mal lhe pagou, vae-se estendendo ao longe e ao largo. Levado pelos missionarios catholicos ao *Novo mundo* tem-n'o feito caminhar a largos passos para o engrandecimento e para o progresso.

Arvorada a Cruz no sertão, é á sombra d'ella que o in-

digena recebe as primeiras luzes da fé, que o estonteam, e as primeiras palavras de consolação que o enebriam. Desconfiado e retrahido, porque lhe parece ouvir sempre a voz do negreiro, que o assusta, e o estalido do latego, que o flagella, o negro tem-se por vezes revoltado contra aquelles que lhe levam a liberdade e tem ensopado com seu sangue os inhospitos sertões da America. Mas o missionario não recúa nunca e lá vae sempre desbravando espiritos, formando coações e libertando escravos.

O Brazil,—uma gloria portugueza, —quando foi descoberto não era mais que uma serie ininterrompida de matagaes e florestas habitadas por indigenas, que não tinham o minimo conhecimento das verdades intellectuaes e moraes; era uma noute caliginosa, onde não irradiava uma restea de luz. Todos conhecem os bons serviços, que então nos prestaram os missionarios. Todos os annos largavam da barra do Tejo naus portuguezas, que levavam ás terras de Santa Cruz os aguerridos e intrepidos soldados da Fé. Foi assim que o Brazil se foi convertendo de nação barbara em nação civilisada; foi assim, que o Catholicismo lutando com a ambição dos homens acabou com o repugnante commercio humano, a escravatura, elevando o negro á dignidade de homem livre.

Nos Estados Unidos da America do Norte são grandes os progressos, que o Catholicismo tem feito, e já esse povo trabalhador como nenhum outro vae sentindo a sua benefica influencia. Foi com summo prazer, que ha poucos dias lêmos n'um jornal a seguinte noticia: A religião catholica vae-se desenvolvendo extraordinariamente na America do Norte. O numero de fieis ascende a 10 milhões, havendo cerca de 8:000 sacerdotes e 12 bispos. O culto é celebrado em 8:765 egrejas, e o ensino religioso ministrado em 3:000 escolas, que são frequentadas por 700:000 creanças de ambos os sexos. O numero de professores catholicos é de 13:000. Desde 1865 tem-se construido mais de 3:000 templos alguns dos quaes são sumptuosos e providos de riquissimas alfaias. A egreja catholica dos Estados-Unidos sustenta-se com as esmolas dos fieis.

E' realmente consolador ver como a nossa religião se vae diffundindo pelo mundo. Impõe-se pela sublimidade dos seus principios; arrebatada e confunde pela grandeza dos seus beneficios. Não ha perseguições a que não resista, difficuldades que não supere, barreiras que não ultrapasse, erros que não pulverise. E' sempre bella, sempre divina, quer seja apresentada na eloquencia arrebatadora de Bossuet, quer na humildade sublime de S. Vicente de Paula. Impõe-se sempre, arrebatada sempre, quer seja trovejante como a Lei do Sinai, quer suave como o Sermão da Montanha.

Collegio de S. Mámaso, 15—2—92.

P.^o HERMANO AMANDIO.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Recebemos e muito agradecemos as seguintes publicações :

A existencia de Deus e a sciencia moderna pelo rev. José Joaquim Gomes, de Vizella. E' uma traducção livre, ampliada, commentada, modificada etc., d'um notavel discurso d'um ainda mais notavel orador francez. N'um pequeno prologo, o illustrado e benemerito autor expõe as suas impressões ácerca de muitas coisas com a adoravel franqueza que lhe é característica.

Jesuitas e mais alguma coisa. Refutação humoristica do livro do Sr. M. Borges Grainha, editorado pelo bem conhecido editor catholico José Fructuoso da Fonseca.

Morte aos Jesuitas! Titulo ironico d'outra refutação ao mesmo livro, escripta pelo reverendo Francisco Portocarreiro e editorada pelo Sr. Antonio Dourado.

Resposta ao livro de M. Borges Grainha pelo director d'«A Ordem», editorada em Coimbra pelo Sr. Reis Leitão.

Estes tres bellos livros são de vivo interesse para quem desejar orientar-se na polemica que o livro do Sr. Grainha veio provocar na imprensa catholica.

1:000\$000 rs. Estreia literaria, a mais que um respeito auspiciosa, do Sr. Carlos de Faria. Edição de luxo, illustrada com desenhos de Julião Machado.

Agradecimento. Ao «Jornal da Manhã», «Palavra», «Nação» «Ordem», «Vida Moderna», «Revista Catholica», «Progresso Catholico», «Flor do Tamega», «Cabeceirense», «Gazeta do Minho», «Felgueirense», «Federação escolar», Mensageiro do Coração de Jesus», «Aurora do Cavado», etc. que noticiaram o apparecimento d'esta revista ou transcreveram o summario, ou a ella se referiram em termos lisongeiros, aqui lhes consignamos o mais sincero agradecimento.

Bruno d'Almeida.



GAZETILHA DO COLLEGIO DE S. DAMASO

(OFFERECIDA ÀS EX.^{mas} FAMILIAS DOS ALUNNOS D'ESTE COLLEGIO)

.....

Explicação.—Move-nos a inaugurar esta pequenina chronica, o sentimento de gratidão pela protecção dispensada á nossa «Revista» por muitas das pessoas a quem a offerecemos. Não a inserimos no corpo do jornal e refugamol-a para este espaço *neutro*, para que os outros assignantes não se considerem lesados nos seus direitos.

Visitas.—Entre muitas pessoas que durante o ultimo mez nos honraram com a sua visita, lembram-nos as seguintes:—D. Emilia Guichard, Heitor Guichard, Raul Guichard e D. Anna Guichard, do Porto, que vieram acompanhar dous novos alumnos: Emilio Guichard e Eduardo Guichard.—D. Isolina Casals e D. Bonifacio Casals, do Porto. Acompanharam tambem a este collegio os meninos Romon Casels e Lourenço Casals.—D. Jacintha A. T. da Silva e Miguel da S. Netto, de Louzada, que tambem acompanharam os novos collegiaes, Argemiro Netto e Arthur Netto.—Padre Manoel da Fonseca Moreira, parcho de Santa Eulalia de Barrosas e illustrado correspondente de Vizella para «O Commercio do Porto».—Dr. Manoel Napomuceno Pimenta, m. d. Vice-Reitor do Seminario, de N. S. da Oliveira.—Dr. Conego Pedro Sanches.—Conego José Maria Gomes.—Padre Antonio Ribeiro.—Padre Abilio Passos.—Padre Joaquim Ferreira Coutinho, parcho de Pena Maior.—Padre José Maria Gonçalves dos Santos, de S. Romão de Coronado.—D. Maria Emilia da Conceição Mendes e D. Leonor Amalia Mendes de Carvalho, de Louzada.—José Joaquim de Miranda Guimarães e sua ex.^{ma} familia, de Felgueiras, etc. etc.

Bandeira.—Alguns collegiaes tiveram a generosa idéa de offerer ao Collegio uma bandeira de seda bordada a ouro. Para occorrer ás despezas projectam um *bazar* para o qual reuniram já numerosas prendas offercidas por varios alumnos. Entre estes merecem menção especial, já pelo numero já pelo valor das prendas que offereceram, Aureliano Armino Almeida Soares Leite, de Fafe, e Francisco Ribeiro Martins da Costa, de Guimarães. Espera-se numerosa concurrencia de pessoas estranhas ao Collegio; de maneira que a sympatica iniciativa dos collegiaes tem as melhores probabilidades d'exitto.

Missa nova.—No dia 27 de Fevereiro, disse a sua primeira missa no templo do Bom Jesus em Braga, o illustrado professor d'este Collegio Padre José Joaquim da Silva Guimarães. Acompanhava-o a sua ex.^{ma} familia e alguns amigos intimos entre os quaes os Reverendos Firmino Bravo e Hermano Amandio. Foi uma festa intima e por isso mesmo sinceramente jubilosa. Os nossos cordeaes parabens ao novo levita.

Numeros! Como estão em moda as estatisticas, ahí vae uma mão cheia de numeros que não será inutil relembrar.

O Collegio de S. Damaso foi fundado em outubro em 1890. Conta actualmente 102 alumnos internos (mais do que antes da abertura do Seminario de N. S. da Oliveira). O corpo docente, composto de padres seculares, consta de 12 professores internos pelos quaes está dividido todo o serviço de prefeitura. Teve um excellento resultado d'exames no anno findo: na primeira epoca 122 exames e 110 approvações; na segunda, 33 exames e 32 approvações; distincções 4. C. d'ificio em que o Collegio está installado, comporta 120 alumnos.

Notas.—A Direcção do Collegio resolveu mandar ás familias *notas* quinzenaes da do aproveitamento litterario e procedimento moral de todos os alumnos. Cremos ser uma resolução de incontrovertida utilidade.

Observação.—N'este logar publicaremos varias noticias de interesse para as familias dos collegiaes; por isso recommendamos-lhes a leitura da *Gazetilha*.

Um collegial.